

# Nas ocupações, movimentos sociais enfrentam a pandemia com solidariedade

Líder do MSTC diz que movimento tenta impedir avanço da doença com frentes de trabalho. “Pandemia afirma o que a gente sempre diz, que a casa é porta de entrada dos direitos”

Por Redação RBA

Publicado 30/06/2020 - 11h34

MSTC/Divulgação



Na cozinha da Ocupação Nove de Julho, marmitas são preparadas para alimentar as famílias sem-teto na pandemia

0

39

São Paulo – Desde 17 de março, quando a primeira morte em decorrência do novo coronavírus foi confirmada em São Paulo, as ocupações do Movimento

Sem Teto do Centro (MSTC) vem adotando diversas medidas para impedir que a covid-19 atinja os moradores. A principal forma encontrada para enfrentar a pandemia vem sendo a solidariedade que, ao que parece, tem dado certo. É o que conta a líder do MSTC Carmen Silva, em entrevista à jornalista Marilu Cabañas, da **Rádio Brasil Atual**.

Quase quatro meses após o anúncio do primeiro óbito, apenas um caso da doença foi confirmado entre as seis ocupações coordenadas pelo movimento. E o que tem sido a chave desse processo é o próprio teto. “A pandemia vem informar aquilo que a gente sempre diz, que a casa, a moradia, é a porta de entrada de todos os outros direitos. E que um prédio abandonado é uma questão de saúde pública”, destaca Carmen.

Ao menos 2 mil pessoas sem-teto formam o MSTC atualmente. A primeira providência do movimento foi paralisar todas as atividades com aglomeração. Entre elas, assembleias e reuniões, e atividades culturais e visitas que ocorrem principalmente na Ocupação Nove Julho, no centro da capital paulista.

## Outras ações

A partir daí, as lideranças se lançaram para garantir aos moradores os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), álcool em gel, o uso de máscaras e luvas. Pias foram implantadas nas entradas das ocupações para que as pessoas higienizassem as mãos antes de irem aos prédios. Além de uma promoção constante da importância de se seguir o isolamento social. Mas a ampliação da crise fez o movimento perceber que era preciso também garantir o alimento às famílias das ocupações.

“A gente criou um Comitê de Combate à Fome, justamente porque sabíamos que as pessoas iam ficar sem trabalho e a primeira coisa que ia acontecer era a fome. Entramos nesse comitê junto com a criação da Casa Verbo, e nós tivemos um grande suporte da plataforma covid-19 pela Fundação Itaú Social. E em todas as nossas ocupações, e até para as famílias que não estão nas ocupações, estamos fazendo a distribuição de cestas básicas e kits de higiene”, explica.

Com a plataforma, o movimento tem hoje assegurado 52 costureiras trabalhando na confecção de máscaras e mais 30 pessoas atuando na entrega de cestas básicas. A plataforma contribui ainda para o escoamento de alimentos de uma rede de pequenos agricultores da cidade de Piedade, no interior do estado.

## **Vulnerabilidades escondidas**

Carmen confessa, no entanto, que mesmo sendo líder de um movimento social, em meio à crise sanitária e econômica “vem descobrindo uma invisibilidade” ainda maior. “Um submundo de vulnerabilidade escondido”, diz. “É muita gente passando fome, desprovida de informações necessárias. E uma delas é a falta de informações que a gente sempre discutiu no movimento, de documentação.”

“O que mais me chama atenção é que justamente há um ano, quando meus filhos foram presos e eu fiquei foragida, uma das acusações é que eu pedia para tirar o título de eleitor. E hoje nós temos 32 milhões de brasileiros invisíveis, sem o CPF, porque o TRE, as grandes autoridades dos Estados, nunca fizeram um trabalho para informar que se a pessoa ficasse duas eleições sem votar (e justificar), automaticamente seu CPF é bloqueado. E quando seu CPF é bloqueado, ele não tem acesso a nada. Então esses 32 milhões de brasileiros que estão invisíveis ao sistema, a culpa de quem será?”, contesta.

A líder do MSTC é mãe da cantora e produtora cultural Preta Ferreira e do educador Sidnei Ferreira, presos em 2019, acusados de extorsão. No mesmo ano, os três passaram a responder em liberdade ao processo, considerado arbitrário e sem provas. A investigação vem sendo questionada por diversos representantes como uma tentativa de “criminalizar os movimentos que lutam por moradia”.

## **Movimentos são parte do Estado**

Na pandemia, o MSTC conseguiu ainda firmar um pacto com a sociedade civil e investidores sociais para garantir alimentação à população que está em situação de rua. Até o momento, mais de 60 mil pessoas foram beneficiadas,

de acordo com Carmen. O movimento ainda faz parte do programa Cidade Solidária, criado pela prefeitura de São Paulo.

“O Estado tem que compreender que nós (movimentos sociais) somos parte do Estado e que nós podemos trabalhar nessa congruência, ao invés de criarmos barreiras. Agora está mais do que entendido que os movimentos sociais são intermediários entre o poder público e as várias pontas invisíveis que o poder público nunca viu”, destaca a líder do MSTC, que prossegue nas críticas.

“A conjuntura política atual é a afirmação do que os movimentos sociais sempre reivindicaram, é a falta efetiva das políticas públicas. E para além da pandemia nós temos que pensar em políticas públicas”, finaliza.

<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2020/06/nas-ocupacoes-movimentos-sociais-enfrentam-a-pandemia-com-solidariedade/>